

Resumo: O artigo começa com a investigação do problema da hermenêutica da palavra de Deus, na época do movimento do “modernismo” no fim do séc. XIX e começo do séc. XX. Uma visão de conjunto da Sagrada Escritura trata dos livros da Bíblia como literatura funcional. A seguir, são abordados os arautos da palavra de Deus no AT e NT e seu papel na comunidade de fé. A influência da palavra de Deus, na faculdade do intelecto e da vontade, é determinante no comportamento humano. A tipicidade cultural, do mundo hebraico e helênico, desvende os traços significativos dos respectivos livros bíblicos. Por fim, se analisa o prólogo do Evangelho de João para apresentar a pessoa de Jesus Cristo, como personificação da Palavra de Deus na vida trinitária e, na relação com a humanidade.

Abstract: The article begins by investigating the problem of hermeneutics concerning the word of God in connection with the crisis of the movement of “modernism” at the end of the 19th and the beginning of the 20th century. A comprehensive view of the Sacred Scriptures envisages the books of the Bible as functional literature. The following chapter focuses upon the messengers of the word of God in the OT and NT taking into account their role in the faith community. Further, the influence of the word of God on one’s intellect and will is studied so as to find out why they make their each and every move determining human behavior. New insight is to be gained by working out the literary approach of the word of God in the context of disparate cultures and diverse differentiations which occurred both in Hebraic and Hellenistic thought patterns, which are exemplified in the biblical books of the OT and NT. In the final chapter the personified word of God by Jesus Christ is considered by means of a detailed analysis of the Prologue of the Gospel of John in order to ascertain the divine role within the Trinity and in the relationship between God and the world.

A Palavra de Deus no Antigo e no Novo Testamento

Luís Stadelmann, SJ*

* O autor, Doutor em Línguas e Literatura Semíticas, Cincinnati, e Mestre em Ciências Bíblicas, é Professor no ITESC.



Introdução

Na Assembleia Geral dos Bispos do Brasil, realizada em Brasília em maio de 2010, foi aprofundado o tema: “A Palavra de Deus e a animação Bíblica da Pastoral”¹. Trata-se da autocomunicação de Deus, fielmente transmitida nas Escrituras e pela Tradição, através da história religiosa do seu Povo no AT e NT, desde os primórdios da história israelita até a vinda de Cristo. A partir dali acresceu a dimensão *crisológica* à Palavra de Deus do NT, especificando e dando continuidade à *soteriologia* do AT. Outras dimensões teológicas enriqueceram a religião bíblica, tais como a pneumatologia², a eclesiologia³ e a mariologia⁴, beneficiando-se da Sagrada Escritura como fonte de inspiração, conteúdo de mensagens e redescoberta do dom da vida divina.

Após o Vaticano II (1962–1965), surgiu um renovado interesse pela Palavra de Deus através do enfoque *eclesiológico*, como também pela necessidade de uma *metodologia* atualizada, facilitando o manuseio das Escrituras pelos fiéis. Igualmente, no anúncio da fé cristã na liturgia e na catequese, era vital transmitir a mensagem da salvação divina, proclamada pelos autores bíblicos, sem imiscuir ou sobrepor a experiência religiosa de alguns pregadores fundamentalistas, arvorados em intérpretes da voz de Deus sem credibilidade na Igreja⁵. Com a promulgação do importante documento *Dei Verbum* sobre a Revelação divina, visava-se, sobretudo, descortinar amplos horizontes para uma leitura mais autêntica e proveitosa.

¹ Nessa Assembleia, do ano passado, foi retomada a temática do Sínodo dos Bispos de 2008: “A Palavra de Deus na missão e na vida da Igreja”, realizado em Roma, 5-26 de outubro de 2008; documentação em *Osservatore Romano* 10,17,24,31 de outubro e 7 de novembro. Cf. também <http://www.vatican.va> (procurar sínodo dos bispos 2008).

² Ver o doc. *Verbum Domini* sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja, da autoria do Papa Bento XVI. (2010), n. 37. Cf. a entrevista com Johan Konings, publicada em IHU (Unisinos) sobre esse documento, e em *Encontros Teológicos* nº 58, Ano 26, 2011/1, p. 155-164.

³ Cf. *Verbum Domini*, n. 50.

⁴ Cf. *Verbum Domini*, n. 27, 124.

⁵ Cf. *Verbum Domini*, n.44.



A hermenêutica da palavra de Deus

Antecedentes históricos de ampla repercussão entre os estudiosos da Revelação divina, na Bíblia, prepararam o terreno para uma exposição inovadora, sem condicionamentos pelos debates hermenêuticos. Basta mencionar as tentativas audaciosas dos pesquisadores, filósofos, teólogos etc. de compatibilizar a Bíblia com as Ciências modernas: com a cosmologia, evolucionismo, psicologia, dando origem à crise modernista⁶. O pivô dessa problemática apoia-se nos seguintes erros básicos: confundir “intuição” humana com Inspiração; confundir “linguagem” com Palavra de Deus⁷; confundir “experiência religiosa” com Revelação divina. Além disso, estão implicados alguns erros formais: negar a iniciativa divina; negar a revelação sobrenatural; negar a objetividade da Revelação cristã. Em suma, tudo não passa de um “discurso” do homem sobre o problema de Deus, segundo suas “intuições” e seus pressupostos. Em outras palavras, trata-se de mero “antropologismo”, preterindo totalmente o *status* do homem como interlocutor privilegiado com o Criador. Não é de admirar que a seqüela de tudo isso, na teologia, a partir da modernidade, se tornasse a corrente da “morte de Deus” pois, no final, o homem fica falando de si mesmo. Deus é mera “hipótese” supérflua.

Os reflexos dessa atitude racionalista no protestantismo (1768-1843) encontram-se, precipuamente, em três filósofos: KANT propõe o “imperativo categórico” como único fundamento da religião (puro moralismo); SCHLEIERMACHER defende o “sentimento de dependência de Deus” (puro subjetivismo); HEGEL supervaloriza a especulação racio-

⁶ Distinguimos entre “modernismo” como doutrina religioso-apologética e o movimento artístico de vanguarda no âmbito cultural. O “modernismo” como doutrina religiosa, filosófica, teológica e exegética, professou uma contestação sistemática das estruturas tradicionais da organização eclesial, causando uma crise na doutrina e nas instituições da Igreja nos fins do séc. XIX e princípios do séc. XX. Era um movimento inovador que pretendia acomodar a doutrina eclesial às exigências “modernas”; cf. “Modernismo” em *Sacramentum Mundi: Enciclopedia Teológica* I-VI, Herder, Barcelona, 1972-76, vol. IV, p. 765-775. O movimento do “modernismo” teve influência não somente no catolicismo, mas também no protestantismo e no judaísmo.

⁷ A fé cristã não é uma “religião do Livro”, mas “religião da Palavra de Deus”, porque não é uma palavra escrita e muda, mas do Verbo encarnado e vivo” (*Verbum Domini*, n. 7). Os autores bíblicos mencionados como os antecessores que prepararam a transformação do judaísmo numa “religião do livro” são os redatores “deuteronomistas”, segundo Th. RÖMER, *A chamada história deuteronomista*. Introdução sociológica, histórica e literária, (Trd. de G. A. Titton), Ed. Vozes, Petrópolis, 2008 (original inglês 2005), p. 176.



nal, propondo o Absoluto como origem de todas as coisas (também da religião), as quais se especificam na dialética entre tese e antítese (puro racionalismo). Por conseguinte, a Revelação divina não é obra de um Deus livre e sábio e, sim, a reflexão do homem sobre o problema de Deus, fruto de sua experiência religiosa ou existencialista, que será sempre subjetiva e individual. Não há lugar para a Revelação Cristã.

A consequência do movimento do modernismo na exegese bíblica é uma hermenêutica equilibrando-se entre fundamentalismo e subjetivismo. Abrange toda a gama de tendência racionalista, inclusive a negação da inspiração divina da Sagrada Escritura. Segundo o decreto pontifício “*Lamentabili*” (1907), os corifeus do modernismo afirmam:

*“Se o exegeta quer dedicar-se com proveito aos estudos bíblicos, deve antes de tudo pôr de lado toda ideia preconcebida a respeito da origem sobrenatural da Sagrada Escritura e não interpretá-la de outro modo que os outros documentos humanos”*⁸.

Quanto à autoria divina da Palavra de Deus, os escritores modernistas têm o preconceito de não admitir que os textos da Bíblia sejam inspirados por Deus: “Demonstram demasiada ingenuidade ou ignorância os que creem que Deus é verdadeiramente o autor da Sagrada Escritura”⁹.

Quanto à veracidade e validade perene das verdades religiosas da Bíblia, afirmam os modernistas:

*“Pode-se dizer, sem paradoxo, que nenhum capítulo da Escritura, desde o primeiro capítulo do Gênesis até o último do Apocalipse, contém doutrina totalmente idêntica à que a Igreja ensina sobre a mesma matéria e, por isso, nenhum capítulo da Escritura tem o mesmo sentido para o crítico como para o teólogo”*¹⁰.

⁸ Decreto do S. Ofício “*Lamentabili*”, n. 12, confirmado pelo Papa Pio X (3 de Julho 1907, cf. DENZINGER-HÜNERMANN, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, Ed. Paulinas & Ed. Loyola, S. Paulo, 2007, § 3401-3466, p. 737-743. Cf. também a Encíclica “*Pascendi dominici gregis*” de Pio X (8 Setembro 1907), § 3475-3500, *ibid.* p. 744-753.

⁹ Decreto do S. Ofício “*Lamentabili*”, n. 9.

¹⁰ Decreto do S. Ofício “*Lamentabili*”, n. 61.



A superação da “Crise racionalista” não se fez esperar. Dois fatores contribuíram de modo decisivo:

- a) a descoberta da *História da Salvação*, que mostra a progressiva intervenção de Deus na história do homem, acompanhado do seu desenvolvimento cultural e espiritual. São conhecidas as etapas da “salvação”: Criação, Promessa, Lei de Deus (*Torá*), Profetas, Cristo, Igreja, Parusia. Convém não esquecer, porém, que não se atribui esta iniciativa a um Deus intervencionista, como se fosse um auxílio na hora do aperto e, sim, é por causa da garantia da divina Providência sobre a vida do Povo Eleito, em virtude da Aliança sagrada.
- b) a descoberta dos “*gêneros literários próprios*” da Bíblia, que, ao contrário do que supunham os racionalistas e positivistas, não tinham sentido científico, mas existencial: isto é, não tencionavam dar “informações científicas” e, sim, estabelecer “normas de vida”. Já S. Agostinho dizia: “Acaso se lê nos Evangelhos que o SENHOR tenha dito: Eu vos envio o Paráclito que vos ensinará como andam o sol e a lua? Ele queria formar cristãos e não matemáticos (cientistas)”¹¹.

A Bíblia como literatura funcional

Os textos bíblicos constituem uma literatura funcional. Por isso, são meio de expressão da comunidade de fé, concentrando-se na explicitação de diversas vivências religiosas que caracterizam a vida em comum e, ao mesmo tempo, valorizam-na e abrem perspectivas transcendententes graças à Palavra de Deus. À luz da tradição sócio-religiosa de várias gerações, estreitam-se os laços de coesão em torno da comunhão dos fiéis vinculados com Deus pela Aliança sagrada. É através de suas experiências no campo da vida profissional, política, social, familiar e bem-estar que se coleta grande parte do material com o qual se reveste a mensagem das religiões bíblicas. Disso resulta um legado de fé, patrimônio da comunidade de féis, assim orientados no cumprimento de sua nobre missão na vida como instrumentos para o serviço no mundo, por serem o Povo de Deus atuando com a força do Espírito Santo. Poderia

¹¹ Cf. A coleção “Migne”: biblioteca de obras da Patrologia: ML 42, 525 (série latina).



parecer que a função precípua desse povo fosse servir de paradigma aos outros povos mostrando como salvar a verdade. Entretanto, seria uma pretensão desmedida, se Israel se arrogasse o privilégio de guardiã da verdade no mundo inteiro. De fato, a missão confiada ao Povo de Deus foi a de transmitir entre os povos a *mensagem de salvação*, incluindo os meios salvíficos acessíveis, como são elencados na Bíblia. Em vista disso é que as religiões bíblicas (judaísmo e cristianismo) são designadas como “religiões de salvação”, distinguindo-se de outras religiões do mundo¹². A mediação dos meios salvíficos consiste em proporcioná-los a toda a humanidade nas comunidades de fé¹³. Cabe-lhes a missão de apropriar-se desses meios para serem inculturados na mentalidade dos respectivos povos, adotando-os como *mistagogia* (iniciação) da fé revelada¹⁴. Um olhar de conjunto abrange as multifacetadas e diferenciadas áreas de formação religiosa e cultural, explicitadas nos livros bíblicos para fornecer subsídios de inculturação das doutrinas da fé.

Várias dimensões são aprofundadas a partir de um propósito inteiramente positivo e construtivo: a) a organização da comunidade de fé do Povo Eleito: *Pentateuco*; b) a promoção humana e social: *livros históricos*; c) a solidariedade existencial: *livros proféticos*; d) a integração social dos refugiados: *livro de Rute*; e) a defesa dos direitos humanos: *livro de Josué*; f) as instituições de justiça: *livro dos Juízes*; g) a comemoração de festas sazonais: o tempo de salvação é chamado

¹² Diversos tipos de religião: 1º *religiões de integração* (povos primitivos, siberianos, ameríndios, indígenas brasileiros, oceânicos, australianos, africanos); 2º *religiões de servidão* (antigo Egito, Mesopotâmia, indo-europeus: celtas, eslavos, germanos, gregos, romanos, semitas: cananeus, antiga China, Japão, astecas, mayas, incas); 3º *religiões de libertação* (de Mani, gnosticismo, antiga Índia, hinduísmo, budismo, jainismo, budismo chinês, budismo japonês, budismo tibetano, confucionismo); 4º *religiões de salvação* (masdeísmo, de Israel, cristianismo, islamismo). Cf. W.O. PIAZZA, *Religiões da Humanidade*, Ed. Loyola, S. Paulo, 2. ed., 1991. Hoje em dia, acontece uma evolução da religião islâmica que está descambando para uma religião de servidão em consequência dos grupos islâmicos do Afeganistão, Indonésia e Líbia. Veja-se L. STADELMANN, “Religiões bíblicas baseadas na Aliança Sagrada”, em *Encontros Teológicos*, Ano 26, Nº 58, 2011/1, p. 93-106, esp. p. 105.

¹³ Convém lembrar o fato de que os indivíduos que perderam sua identidade religiosa serão presa fácil de outras crenças ou sucumbem ao indiferentismo quanto à prática da religião, haja vista as dez tribos de Israel que foram exiladas de sua pátria em 721 a.C. e deportadas para a Assíria (2Rs 17,6; 18,11), e cuja sobrevivência como Povo Eleito se perdeu nas brumas do passado.

¹⁴ A mistagogia ou inculturação da fé revelada foi amplamente aprofundada no *Catecismo da Igreja Católica* (1993), n. 1234-1245. Ver também o documento pontifício *Verbum Domini* do Papa Bento XVI. (2010), n. 114.



καιρος – *kairos*; h) a coesão social do Povo de Deus: *Cântico dos Cânticos*; i) os ritos fúnebres: Jz 11,30-40: morte da filha de Jefté; j) os rituais de propiciação em situações de crise: luto nacional pela queda de Jerusalém: *Lamentações*; k) a formação dos noivos: *livro de Tobias*; l) a instituição da família: *livro dos Provérbios*; m) a formação religiosa dos fiéis: livros de *Eclesiastes*, *Sirácida e Sabedoria*; n) as situações de limite: *livro de Jó*; o) as solenidades do culto religioso: *livro do Levítico*; p) as celebrações litúrgicas: *livro dos Salmos*; q) as diretrizes e normas éticas do Povo de Deus: *Decálogo*; r) as comunidades cristãs: *Evangelhos e Cartas do NT*; s) história da Igreja: *Atos dos Apóstolos*; t) reflexões sobre o fim do mundo e a escatologia: *Apocalipse*.

Os arautos da palavra de Deus

A difusão da Palavra de Deus é obra do Espírito Santo com a participação da comunidade de fé e de seus arautos, cujo ministério é o anúncio dessa palavra no contexto da religião¹⁵. Esses arautos são chamados a proclamar a mensagem a todas as comunidades do Reino de Deus¹⁶. No AT trata-se da mensagem *soteriológica* e, no NT, da mensagem *crisológica*. São dois tipos de mensagem clarificando o sentido para os seus contemporâneos. A comunidade dos fiéis espera desses arautos que exerçam o ofício de falar de Deus em termos de autocomunicação: θεο-λογειν, i.e. Deus falando ao homem, dizendo o que dele quer, e não o homem falando de Deus, dizendo o que o homem pensa d'Ele. Além disso, esses arautos têm o domínio da palavra do *teólogo*, como também o domínio da *interpretação* que eles exercem em diversos níveis: histórico, litúrgico, sacramental, ético, sapiencial, querigmático, profético e escatológico¹⁷. A mensagem proclamada por eles tem cunho teológico e não mera erudição. Distinguimos, porém, entre a mensagem divina, propriamente dita, e as rubricas; entre o teor do anúncio e os preâmbulos; entre os protagonistas e o cenário.

¹⁵ A comunicação de Deus assume diversos significados, mas relacionados entre si (*Verbum Domini*, n. 7).

¹⁶ Os destinatários da mensagem salvífica são as comunidades de fé e não os ouvintes avulsos, porque esses não foram devidamente inseridos no convívio social dos fiéis nem na vivência dos valores religiosos na celebração do culto divino.

¹⁷ B. LONERGAN, *Método en teología*, (Trd. de G. Remolina), Ed. Sígueme, Salamanca, 2. ed. 1994, cap. "Creencia religiosa".



Os arautos da mensagem da salvação recebem da comunidade de fé o ministério do anúncio da Palavra de Deus como *carisma* do Espírito Santo: “A missão de anunciar a Palavra de Deus é dever de todos os discípulos de Jesus Cristo, em decorrência do seu batismo” (*Verbum Domini*, n. 94). Quem discerne entre o carisma e a autopromoção social dos arautos é a piedade espontânea do povo¹⁸ e a sabedoria prática dos líderes pastorais¹⁹. No AT eram os profetas, sacerdotes, levitas, “sábios” (hebr. *sʿfarím*), exercendo o ofício de escribas e mestres. Por ocasião da convocação das lideranças do judaísmo, no sínodo de Jâmnia (em 90 d.C.), iniciou o movimento literário entre os rabinos pelo período de várias gerações. Esses rabinos eram conhecidos como “Tanaím e Amoraím”, cujos escritos foram coletados no Talmud Palestino em 400 d.C. Atualmente, os mestres da tradição bíblica do judaísmo são os rabinos(as) das diferentes correntes judaicas: ortodoxos, conservadores e liberais. No Catolicismo, sobressai a comunidade de fé como sujeito portador do carisma, no interior da qual emerge a função magisterial. Lembremos, porém, que o *múnus* eclesial do ensino está em estreita relação com a administração dos sacramentos e o ministério do culto religioso. Associados ao *múnus* eclesial são os catequistas, como também os portadores da tradição oral cristã, os mestres carismáticos e/ou pregadores missionários, sem esquecer os anônimos “doutores” (*διδασκαλοι*) no início da era cristã. O vínculo de ligação entre a Igreja docente e discente (*Ecclesia docens et discens*) é o magistério da Igreja que tem a incumbência de zelar pelo patrimônio da fé, da tradição cristã e da celebração litúrgica contra adulteração ou acréscimos indevidos²⁰.

Na religião cristã, a Palavra de Deus se torna *histórica* ao longo da existência da Igreja (*Verbum Domini*, n. 17), é *litúrgica* no culto religioso (*Verbum Domini*, n. 52), é *sacramental* na celebração litúrgica (*Verbum Domini*, n. 53), é *ética* na práxis existencial do cristão (*Verbum*

¹⁸ A piedade espontânea do povo corresponde ao “senso da fé” (*sensus fidei*) [cf. “*Lumen Gentium*” Vat. II, n. 12], isto é, o senso sobrenatural de todo o povo católico, o que implica a unanimidade da fé cristã quanto às coisas essenciais, a liberdade nas coisas secundárias e, em todas, a caridade.

¹⁹ No AT vigorava um critério para discernir entre profeta autêntico e falso, mas só após a morte havia a comprovação; veja-se o milagre do ressuscitamento de um morto pelo contato com a ossada de um profeta (2Rs 13,21).

²⁰ Ver as *Cartas Pastorais* que constam no “Corpus Paulinum” do NT: 1Tim, 2Tim e Tito.



Domini, n. 42), é *sapiencial* na espiritualidade (*Verbum Domini*, n. 37), é *querigmática* no anúncio da fé (*Verbum Domini*, n. 105), é *profética* na pregação (*Verbum Domini*, n. 60), é *teológica* na exposição sistemática dos temas da fé (*Verbum Domini*, n. 31), é *escatológica* em relação ao sentido definitivo da história (*Verbum Domini*, n. 51). Além disso, a Palavra de Deus é veiculada pela religião por meio de conceitos e significados que o contexto cultural do mundo nos mediatiza. Entretanto, a Palavra de Deus proclamada pela religião não pertence ao mundo mediatizado, mas ao mundo da imediatez, isto é, da relação interpessoal de Deus com os fiéis. A proclamação da Palavra de Deus proporciona a experiência da bondade divina aos que a acolhem e a ela respondem com fé e sentimentos de amor agradecido.

Influência da palavra de Deus

Na espiritualidade do cristianismo, veio a difundir-se a vocação cristã em termos de “seguimento de Cristo como discípulo”. Na prática, significa assumir com docilidade as virtudes fundamentais de Cristo para impregnar todas as dimensões conscientes e inconscientes, instintivas e volitivas, racionais e afetivas. Sua aplicação na metodologia do ensino das normas éticas da religião cristã consiste no imperativo baseado no *seguimento de Cristo*, em contraste com o “imperativo categórico” (KANT) como único fundamento da religião. É de notar que não vem a ser um intimismo substituindo o autoritarismo, nem se trata de um personalismo em lugar de um mandato. A novidade está no cumprimento da proposta divina, incluídas as suas exigências. É que o vínculo de união entre Deus e seu povo implica um compromisso que consiste na obediência, da parte dos fiéis, e na proposta divina de salvação, da parte de Deus. O seguimento é de natureza cristológica por ser uma ação espiritual do Cristo Ressuscitado, a não ser confundido com o sentimento de nostalgia evocando Jesus Nazareno como *Superstar* aclamado pela ovação de multidões entusiasmadas.

A expressão literária do apelo para o seguimento de Cristo: “Segue-me!” ἀκολουθει μοι – *akoluthēi-moi* (Mt 9,9) é diferente do “imperativo categórico” por ser um convite para a adesão: “segue-me como discípulo!”. Esse convite é repetido várias vezes, até conseguir aliciar a opção da faculdade volitiva, e despertar uma adesão positiva ou, então, franco



repúdio. Daí que a palavra de Deus, falando ao homem, expressa seu desejo e, então, temos a vontade de Deus como causa determinante da nossa vontade²¹. Trata-se, portanto, da palavra divina que faz exigências, em contraste com palavras humanas faladas a esmo. Podemos citar, a propósito, o texto da *Carta aos Hebreus*:

A Palavra de Deus é viva, eficaz e mais cortante do que qualquer espada de dois cumes. Penetra até dividir alma e espírito, articulações e medulas. Ela julga os pensamentos e as intenções do coração. E não há criatura que possa ocultar-se diante dela. Tudo está nu e descoberto aos seus olhos, e é a ela que devemos prestar contas (Hb 4,12-13).

Em suma, trata-se da autocomunicação de Deus para a salvação do homem, cujo requisito *sine quo non* é o discernimento da motivação moral, lembrando-nos de concentrar-nos nas condições que influem na vida pessoal. É preciso que demos atenção ao nosso temperamento: colérico, irascível, egoísta, burguês. A convivência social dos cristãos requer entrosamento sem abrigar atitudes anti-sociais. Os condicionamentos da nossa motivação incrementam ações meritórias, ou ações culposas.

A palavra de Deus e o âmbito cultural

O meio de comunicação entre os homens é a língua, o uso de palavras para transmitir ideias. Os filósofos gregos foram os primeiros a perguntar pela origem das ideias. Segundo PLATÃO (427-347 a.C.), as ideias seriam inatas, ao passo que seu discípulo ARISTÓTELES (384-322 a.C.) tem outra explicação. Seu ensino sobre o conhecimento intelectual é inegavelmente inovador, porque se funda no sensitivo, de sorte que as ideias são extraídas das sensações por meio do procedimento abstrativo²². É de notar, porém, que nesse procedimento não acontece um depauperamento dos dados sensíveis, antes, pelo contrário, há um enriquecimento

²¹ Cf. Márcio Bolda da SILVA, *Parâmetros de Fundamentação Moral*, Ética Teológica ou Ética Filosófica, Ed. Vozes, Petrópolis, 2005, p. 136.

²² B. MONDIN, *Introdução à Filosofia*. Problemas, sistemas, Autores, Obras, (Coleção Filosofia 2), Ed. Paulus, São Paulo. 17. ed., 2009, p. 21-39. Ver também Carlos Cirne LIMA, *Dialética para Principiantes*, Ed. Unisinos, São Leopoldo, 3. ed. 2005, cap. "Metafísica do Conhecimento" p.71-73.



que os transcende. E já que a abstração vai além do campo sensitivo²³, penetramos na área do *intelecto agente* que extrai a Forma inteligível, acrescentando um componente ao conhecimento que não existia no nível do sensitivo ou da imaginação. Aí é que entra o aspecto daquilo que é significativo, relevante, importante, essencial: a ideia. Por outro lado, omite-se o que é insignificante, irrelevante e meramente accidental. Em suma, do processo abstrativo resulta a idéia, que oferece o sentido/significado ou a inteligibilidade da coisa sensível real, representada na imagem. É notável o mundo luminoso que se abre ao conhecimento intelectual, ao revelar o sentido da realidade, removendo o véu tenebroso que a encobre àqueles que não têm essa prerrogativa²⁴.

Estudando o papel dos sentidos na metafísica do conhecimento, deparamos com dois pontos de partida bem distintos. No pensamento hebraico, da cultura semita, a supremacia cabe à *audição*. Na cultura helênica, como também, em todo o pensamento ocidental, o mais importante é o sentido da *vista*. Daí que a fonte suprema é a natureza, a qual está diante de nós como algo para contemplar-se, para ver e, não, para ouvir. Por conseguinte, o sentido da vista exerce o papel preponderante para suscitar ideias.

Ao aplicarmos os critérios do conhecimento ao contexto do mundo hebraico e helênico, enfrentamos a questão da mensagem que Deus instila, mediante as ideias, na mente humana. Lembremos que existem dois tipos de ideias: unívocas e análogas, na mente das diversas pessoas. Assim, por exemplo, ideias unívocas são aplicadas a imagens concretas da natureza, mas são análogas às ideias e palavras aplicadas a Deus. Tomando por exemplo a ideia de “pai”: se for usada para qualificar um ser humano, trata-se de uma ideia unívoca, mas se for aplicada a Deus, temos então uma ideia análoga, porque significa, nos dois casos, algo parcialmente idêntico e parcialmente diverso. Uma fonte fértil de ideias análogas encontra-se no livro dos Salmos que usam muitas metáforas aplicadas a Deus para traçar seu perfil de modo sugestivo, aos orantes do

²³ Bernard J. F. LONERGAN, *Insight. A Study of Human understanding*, Philosophical Library, New York, 1958, p. 89, 311.

²⁴ Cf. J.M. BOCHENSKI, *Diretrizes do pensamento filosófico*, Ed. Herder, S. Paulo, 1961, p. 53. Ver também a dimensão da práxis comunitária que se abre à racionalidade ética, por João Augusto A. A. MACDOWELL, “Ética Política: Urgência e Limites”, em *Síntese* (nova fase), Janeiro-Março 1990, p. 7-34.



Povo Eleito²⁵. Com efeito, os salmistas não visam oferecer uma opulência literária de conceitos e enunciados e, sim, querem caracterizar a presença de Deus na liturgia e na oração pessoal. Entretanto, o fator decisivo na criatividade cognoscitiva não é meramente subjetivo, mas resulta do estudo pessoal e do ensinamento transmitido em casa e na catequese.

A palavra de Deus no mundo hebraico (AT)

Os livros da Bíblia são os textos originais que contêm a “Palavra de Deus e fazem ouvir a voz do Espírito Santo através das palavras dos profetas e dos apóstolos” (*Dei Verbum*, n. 21). Como tal, a Bíblia é mais do que um acervo bibliográfico das religiões bíblicas do Antigo e Novo Testamento. Na verdade, “são palavras sobrenaturais” por serem manifestações do pensamento divino que se fazem ouvir aos sentidos *externos*, aos sentidos *internos* ou diretamente à *inteligência*. Chamam-se *auriculares*, quando são vibrações milagrosamente formadas que ressoam aos ouvidos; *imaginárias*, quando se fazem ouvir à imaginação; *intelectuais*, quando se dirigem diretamente ao entendimento²⁶.

Na religião bíblica do AT e NT se transmite a autocomunicação de Deus ao seu povo como destinatário da mensagem divina. Não entram em questão a especulação humana nem as reflexões avulsas de indivíduos ou grupos, de outros povos, para comprovar a autenticidade dessa mensagem. Apenas posteriormente, na fase da redação por escrito, os autores bíblicos consultam as obras nas literaturas antigas para a finalidade de encetar um diálogo *inter-religioso*, como no caso dos livros poéticos da Literatura Sapiencial da Bíblia²⁷.

Desde o início do Povo Eleito, é Moisés que se destacou como legislador da comunidade de fé em Israel, constituído de hebreus às margens do rio Nilo no Egito. É bom lembrar que esses hebreus não se

²⁵ Luis I.J. STADELMANN, SJ, “Perfil de Deus nos Salmos”, em *Encontros Teológicos*, Ano 23, Nr. 50/ 2, 2008, p. 63-78.

²⁶ Ad. TANQUEREY, *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*, Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 5a. ed. 1955, n. 1494.

²⁷ Os livros sapienciais da Bíblia têm a finalidade de criar uma mentalidade universalista entre os israelitas para evitar que adotem uma mentalidade exclusivista e sectária em face de outros povos; do contrário, esses não chegariam ao conhecimento do desígnio salvífico de Deus a respeito da humanidade.



restringiam a grupos étnicos unicamente de proveniência racial semita e, sim, integravam ádvenas de outras origens (egípcia e hitita). Surgiu então o desafio de fazer um tecido social que inserisse a todos no conjunto coeso dos “filhos de Israel” (*b^enei yisra’el*). O porta-voz da Palavra de Deus dirigida à comunidade dos fiéis era Moisés. Sua família pertencia à tribo de Levi, cujo ancestral era Jacó (Ex 2): tinha, portanto, origem israelita autóctone como descendente dos Patriarcas e membro da Aliança entre Deus e Abraão (Gn 17).

A liderança sobre o povo de Israel era uma missão que Deus lhe concedeu, e era reconhecida por todos graças à autoridade de cima. Como portador da Palavra de Deus, a autoridade de Moisés era incontestada pelos israelitas e, também, pela corte do faraó. Daí que suas diretrizes e normas tinham força de lei, tanto aquelas que foram ditadas de viva voz, no monte Sinai, ou aquelas que posteriormente foram adaptadas de outros povos. Igualmente eram acatadas as palavras dos detentores de um ofício, seja institucionalizado (sacerdote, levita) ou não (profeta, sábio, mestre ou escriba), porque desempenhavam a importante função de transmitir as tradições religiosas preservando e desenvolvendo a mensagem salvífica. É importante não esquecer a inestimável contribuição da celebração litúrgica, para inculcar a doutrina e as práticas religiosas na mentalidade dos fiéis, mediante a recitação dos Salmos e das antífonas responsoriais do coral, acompanhado pelas melodias e cânticos sacros. Em virtude das orações litúrgicas, recitadas em coro e, por vozes alternadas, os fiéis faziam suas as palavras das preces comunitárias, e se imbuíam da Palavra de Deus. Fator determinante da liturgia é a proximidade de Deus, que se debruça do alto do céu, para marcar presença junto ao altar quando os fiéis se reúnem para ratificar a Aliança sagrada no rito do sacrifício. É notável a ênfase dada à presença divina na liturgia, pois 96 vezes se invoca nos Salmos o “Nome” (em hebr. *šem*)²⁸. Com efeito, não existe recurso literário mais expressivo para dialogar com Deus, na oração, a não ser apelando para sua presença personalizada. Precisamente na celebração litúrgica, os fiéis entram em diálogo com Deus, fazendo com que a religião se torne viva.

A função cultural do “Nome” é importante, sobretudo no que diz respeito à *expressão verbal*, no diálogo entre fiéis e Deus durante a

²⁸ Cf. L. STADELMANN, *Espiritualidade Bíblica*, Ed. Loyola, São Paulo, 2009, p. 119-121.



oração litúrgica. Ali a palavra é meio de comunicação interpessoal e, quando falada em voz alta, assume a forma de proclamação no âmbito comunitário. Quem ouve as palavras recitadas por outros, redobra sua convicção de que Deus as ouve e, também, responde. Com efeito, Deus dirige-se aos homens em linguagem humana, falada por seres humanos²⁹. O motivo de Deus abrir-se a nós, em nossa própria linguagem, é o fato de Ele querer transmitir uma revelação pessoal. Para ouvi-la, compete a cada um dos fiéis unir-se à comunidade na escuta da Palavra de Deus, na colaboração para a sua vida religiosa e no apoio efetivo à promoção do bem comum. Desta abertura para a comunidade dos fiéis e para o Reino de Deus resulta a verdadeira transcendência do “eu” para o outro, fazendo com que se ouça a voz de Deus, vinda tanto do alto como de baixo, pois Deus fala por meio do ser humano, cuja natureza é um tecido de nobreza e miséria, de elevação e mesquinhez. Ele se dirige ao homem cheio de defeitos e fraquezas, ora turbado pelo pecado ou pela luta interior, ora zeloso pelo bem e, de novo, fraco e desalentado. É assim que a liturgia o vê e acolhe, é assim que o encontramos nas orações da comunidade dos fiéis.

Em função do culto, o indivíduo assume as ideias litúrgicas. Ele tem de superar seus objetivos pessoais para adotar as práticas da comunidade de fé reunida na liturgia. Assim, ele terá de participar da oração de ação de graças e de louvor, embora seu estado de alma seja a aridez do deserto; ele terá de se expressar nas súplicas formuladas em situações de opressão e de injustiça, apesar da preferência de sua sensibilidade espiritual por atitudes passivas, desvinculadas do destino histórico da grande massa da humanidade. Desta forma, a comunicação interpessoal com os fiéis, cujas súplicas são ditadas pelas necessidades da existência de cada homem, é *mediação* litúrgica para dialogar com Deus, como é um *caminho* para o encontro com Deus na liturgia e na vida.

Uma inovação sem igual na história das religiões da Antiguidade é a edição das Sagradas Escrituras na Bíblia em formato completo, sem expurgos e, sem omissões e lacunas³⁰. É este o patrimônio das religiões

²⁹ Sobre toda esta temática, ver L. Alonso SCHÖKEL, *A Palavra inspirada*, Ed. Loyola, São Paulo, 1992, p. 35.

³⁰ Em contraste, veja-se a edição de alguns livros sacros dos Vedas, em forma truncada e em língua ininteligível, originando variadas interpretações exotéricas que eivaram as crenças da religião hinduísta.



bíblicas e seu legado a toda a humanidade. Ora, antecedentes históricos confirmam a regra, porque a Bíblia dos samaritanos era uma edição expurgada, constituída apenas do PENTATEUCO, excluídas: a 2ª. parte, dos PROFETAS: “anteriores” (Livros históricos) e “posteriores”: (Livros proféticos), e a 3ª. parte, dos ESCRITOS (Salmos e os Livros sapienciais).

Quando os samaritanos omitiram a 2a. Parte da Bíblia: os PROFETAS: “anteriores” (Livros históricos) e “posteriores” (Livros proféticos), abriu-se-lhes uma lacuna: faltou-lhes o relato sobre a meta do Povo Eleito ao entrar na Terra Prometida, após a saída do Egito. É esse o aspecto que se encontra nos Livros históricos da Bíblia. Trata-se da narração sobre o desafio que o antigo povo de Israel teve que enfrentar na configuração sócio-econômica, sócio-política e sócio-cultural dos habitantes dentro da conjuntura da Palestina sob a hegemonia dos grandes impérios, desde o final do milênio II, até o final do milênio I a.C.³¹ Se os israelitas tiveram condições favoráveis à sua sobrevivência durante tantos séculos, era de se prever que, no futuro, teriam também boa chance de constituir comunidades de fé em meio às mais diversas situações históricas da Antiguidade. É importante notar a intenção dos autores sacros da Bíblia de salientar o *nexo* entre o Pentateuco e os Livros históricos³², quando relataram a continuidade entre a vida nômade no Êxodo e o re-assentamento dos migrantes israelitas na terra de Canaã. Do ponto de vista da teologia bíblica do AT, era preciso mostrar o impacto de dois princípios da religião: Eleição divina e Aliança sagrada, na existência do Povo Eleito. Visava-se evidenciar como a “palavra de Deus”, enunciada no Pentateuco, era comprovada por “fatos” nos Livros históricos.

Além disso, quando eliminaram os Livros proféticos, os samaritanos não se deram conta de que, na edição truncada de sua Bíblia, faltava a perspectiva do Messianismo e a esperança na vinda do Profeta de Javé a serviço das massas, o que é essencial na tradição religiosa da Bíblia. Coube aos profetas de Israel a tarefa de orientar as lideranças da nação, tanto no Reino do Norte como no Reino do Sul de Israel, na organiza-

³¹ Entre os impérios do antigo Oriente Médio do I. milênio a.C. tinham a hegemonia os seguintes: Assíria, Babilônia, Egito, Pérsia, Grécia helenista, Roma.

³² Já o filósofo holandês Spinoza chamava a atenção para este tema em seu *Tractatus theologico-politicus* (1670): “Tudo quanto está escrito nos livros que temos tem o único objetivo de expor as palavras e leis de Moisés e comprová-las através de acontecimentos históricos”, *quod Th. RÖMER, op. cit. p. 23.*



ção político-social dos habitantes israelitas dentro dos moldes de uma comunidade ética. Volta e meia, as profecias inculcavam as diretrizes e alertavam contra deturpações, quando em Israel surgiram tentativas de implantar sistema governamental semelhante ao dos governos paginizantes de Canaã.

É importante notar o tema típico dos oráculos dos profetas vaticinando que o Messias haveria de vir na figura do “Servo sofredor de Javé”, o Messias-Mártir³³. Não é só o Dêutero-Isaías (Is 40-55), mas também o Trito-Isaías (Is 56-66) e Zacarias associavam a mensagem de salvação por intermédio de um “Ungido” (*Mashiah*), termo técnico para designar a função do líder da comunidade de fé do antigo Israel.

Em suma, a Palavra de Deus precisava de uma redação, por escrito, como meio indispensável para que o portador da mensagem da salvação pudesse comunicar às comunidades dos fiéis todo o patrimônio da revelação divina. Eis, portanto, o mérito dos autores da “História Deuteronomista”, que nos transmitiram a *Torá* do Pentateuco como Palavra de Deus do AT, em combinação com os livros bíblicos do Deuteronomio, Josué, Juízes, Samuel e Reis³⁴, fornecendo subsídios valiosos a todos quantos procuram encontrar uma resposta ao problema da origem, continuidade e perene atualidade da História da Salvação.

A palavra de Deus no mundo helênico (NT)

Quando a Palavra de Deus estava em vias de inculturar-se na mentalidade dos cidadãos do mundo helênico, visando cristianizá-los para se tornarem discípulos de Cristo – deixando de ser meros ouvintes avulsos à cata de novidades³⁵, ou procurando matar a curiosidade –, os portadores da fé cristã não mediram esforços para transmitir-lhes a mensagem da salvação, através da linguagem e da mentalidade da cultura helênica, em voga nas comunidades de fé. Não é de admirar-se que Paulo apóstolo fizesse questão de usar a língua grega, porque era o meio de

³³ Os quatro oráculos do profeta Isaías são profecias sobre o Messias-Mártir na figura do “Servo sofredor de Javé”: 1º Is 42, 1-4; 2º Is 49, 1-6; 3º Is 50, 4-9; 4º Is 52, 13-53, 12. Esta figura do Messias-Mártir distingue-se de outras figuras do AT: Messias-Rei; Messias-Sacerdote; Messias-Profeta; Messias transcendente; Messias nacionalista.

³⁴ Th. RÖMER, *op. cit.*, p. 178-182.

³⁵ Cf. a observação de Lucas, sobre os atenienses no Areópago: At 17, 21.



comunicação em vigor, na liturgia dos cristãos. Poderia parecer que se tratasse apenas de uma nova abordagem de temas bíblicos, quando, na realidade, era uma nova fase: a *história salvífica universal*, substituindo a história salvífica particular em vigor no AT.

A evangelização, por via oral, completava-se pela redação da Palavra de Deus, por escrito, como um meio indispensável para o leitor poder *conferir* a temática em questão, *assimilar* o conteúdo, *aprofundar* o assunto, e *transmitir* a mensagem à posteridade quando o pregador estivesse ausente. Além disso, havia a questão crucial, na fase inicial do cristianismo, de assegurar a interpretação fidedigna da Palavra de Deus e transmiti-la sem distorções aos catecúmenos. De valor inestimável é a contribuição dos escritores cristãos da Antiguidade com obras valiosas para a literatura mundial, seletas na “interpretação“ da Palavra de Deus nas Sagradas Escrituras. Vale a pena conferir a famosa coleção “Migne” de patrologia, com 388 volumes: 166 em grego (MG) e 222 em latim (ML)³⁶.

Os temas dessa vasta literatura antiga foram publicados pelos escritores não por mero interesse de divulgar obras de erudição e, sim, para fornecer subsídios para a pesquisa, e incentivar o estudo das doutrinas cristãs. A título de atualização dos temas da Bíblia, lembremos que S. Paulo nos ensina que as comunidades cristãs são portadoras não só da fé e da religião, como ingredientes básicos da felicidade de todos os povos, mas também dos valores da cultura e civilização numa perspectiva humanista (Fl 4,8)³⁷. A fim de superar a inércia e incentivar maior iniciativa, o apóstolo Paulo exortava os cristãos a assumirem atitudes de “ousadia” (em grego: *παρρησια* – *parresia*), através de um engajamento efetivo (1Ts 2,2).

O papel de Paulo apóstolo era decisivo não apenas na difusão do cristianismo entre os povos pagãos, assumindo a continuidade da História da Salvação desde o povo de Deus do Antigo Testamento, mas também explicitando sua descontinuidade no Novo Testamento. Com efeito,

³⁶ A coleção “Migne” consta de obras em grego e latim, como também em siríaco, copta, armênio e árabe.

³⁷ Sob o reinado do imperador Vespasiano (69-79 d.C.) ocorreu a expulsão de todos os filósofos de Roma que foram exilados para províncias distantes; cf. W. BRÉHIER, *The Hellenistic and Roman Age*, Phoenix Books, The University of Chicago Press, Chicago & London, 1965, p. 152.



devido aos meios de mediação da salvação divina, até então inusitados, impôs-se a tarefa de dar prioridade à ação de Cristo Ressuscitado e do Espírito Santo. Era essa uma inovação da religião cristã em benefício de todos os povos. Lembremos, também, que os cristãos eram, em parte, convertidos do judaísmo, mas, em maior número, catecúmenos provindos do paganismo. Todos precisavam ser inseridos na comunidade cristã, sem discriminação entre uns e outros, e sem nivelção para baixo e, sim, pela elevação ao *status* de “*filhos adotivos de Deus e herdeiros de Cristo*” (Rm 8,15-17).

Cartas do Novo Testamento

A novidade introduzida por S. Paulo na literatura do NT e adotada em todas as Cartas do Novo Testamento é o estilo discursivo. Os escritos cristãos mostram ao vivo o método de evangelização por meio de um diálogo inter-religioso que era conhecido então nos meios acadêmicos como “diatribe”, encenando um debate entre dois locutores. O leitor dessas diatribes não é mencionado (p. ex. caro leitor) e, tampouco, tomava parte nos discursos e, nem era citado entre os personagens da cena, mas ficava distante, como observador, como se estivesse sentado no auditório entre os ouvintes, atento à sequência das ideias e à lógica do pensamento. Era um método participativo para assimilar a mensagem transmitida no texto, concordando ou discordando do conteúdo. Para Paulo apóstolo, era um recurso literário para ensinar doutrinas sem recorrer à polêmica ou controvérsia, e, também, com a finalidade de oferecer respostas às dúvidas e objeções levantadas pelos ouvintes. Além do método inovador usado por S. Paulo, é importante notar o conteúdo da doutrina cristã ensinada. Os *Escritos Paulinos* são Palavra de Deus dirigindo-se a nós, através das categorias teológicas mais elaboradas, como p.ex.: “justificação, reconciliação, eucaristia, libertação, redenção, graça santificante, corpo místico, perfeição cristã, experiência espiritual, virtudes infusas, dons do Espírito Santo, mística cristã, cristologia, eclesiologia, escatologia”, etc. em uso na comunidade litúrgica dos cristãos nos primeiros tempos.

O assunto fundamental da pregação de S. Paulo é o evento da “crucifixão e ressurreição de Cristo” (Rm 6), e a “implantação da Igreja” como instituição, diferente radicalmente de mero “movimento religioso”. O núcleo da pregação paulina não é a vida terrena de Jesus de Nazaré,



para não se fixar numa biografia sobre o seu perfil, evocando seu itinerário pelas regiões da Palestina, mas valorizando o fato da obra de redenção realizada na encarnação do Filho de Deus e, mais ainda, no gesto culminante de sua doação por amor a Deus e aos homens na Cruz, coroada pela Ressurreição. Com este Cristo os fiéis se relacionam de maneira vivencial, pela adesão pessoal e participativa nos sacramentos.

Fator importante para visibilizar temas religiosos na evangelização é o conjunto de atitudes marcantes nos fiéis. Por isso, em cada epístola paulina, como também, nas *Cartas Católicas*, consta a exposição doutrinária seguida pela parte parenética (exortativa): a vida cotidiana dos cristãos dava credibilidade pública à religião bíblica do NT. A técnica de visualização tem por finalidade salientar o papel do Reino de Cristo, isto é, a Igreja, pondo-se a serviço do Reino de Deus que é invisível no mundo por ser de natureza espiritual. Aliás, a meta de toda a atuação dos cristãos no mundo não tem por objetivo pregar a Igreja como tal e, sim, o Reino de Deus a cujo serviço está a Igreja.

Lembremos a ênfase de uma característica fundamental do NT, a saber, o chamamento de Deus para a colaboração com o Espírito Santo na obra de salvação. Trata-se efetivamente de uma inovação na religião bíblica, da qual os fiéis não podem eximir-se, tampouco da obrigação de fazer algo a mais. Alguns contentam-se com a vivência da fé, quando na realidade deveriam cooperar com a ação do Espírito Santo nesta obra (Mt 28,18-20). É de notar que eles acalentam dentro do próprio coração a presença do Espírito Santo, graças ao batismo e à confirmação, em virtude da vinculação permanente com Ele. No AT tratava-se da instituição do Povo Eleito, e do seu objetivo de integrar os israelitas na comunidade de fé e na comunidade ética, mantendo sua continuidade na história até a vinda de Cristo. Entretanto, com o surgimento do cristianismo começou a desdobrar-se o âmbito restrito da história salvífica particular do AT. Pois o particularismo foi substituído pelo alcance universal da história salvífica, abrangendo todos os povos, estendendo-se para além das fronteiras do regionalismo palestinese, e assumindo os parâmetros do universalismo englobando todos os povos. Na verdade, a religião bíblica é chamada a apregoar a obra de salvação para todo o mundo e partilhar os dons



da salvação divina a todas as criaturas. O novo desafio é inculturar, na mentalidade dos jovens e adultos, a novidade da fé cristã, em resposta aos anseios da natureza humana clamando pela graça de Deus³⁸.

Os Evangelhos

Os evangelistas relatam a vida terrena de Jesus e salientam a encarnação do Filho de Deus no mundo, seu martírio na cruz e sua ressurreição. Os acontecimentos históricos da obra salvífica de Jesus Cristo são acrescidos da sua Palavra, que os explica: ambos, necessários para haver revelação divina no cristianismo. Isso contrasta com o paganismo, onde se admite unicamente uma revelação cosmológica, através das forças cósmicas e telúricas, e essas são cegas e fortuitas, embora personificadas por divindades. Daí a astrologia em voga na sociedade secularizada, ao passo que na Igreja temos fé na Divina Providência.

Os *Evangelhos* são Palavra de Deus na qual Ele se dirige a nós através do Jesus histórico, rodeado de discípulos que o reconhecem como o Cristo, arauto do Reino de Deus. Cada um dos quatro evangelistas está imbuído de uma espiritualidade marcante e, embora diferente quanto à índole literária, convergente quanto à mensagem de salvação.

O *Evangelho de Mateus* apresenta os fiéis do judaísmo como ouvintes da Palavra de Deus e destinatários privilegiados do apostolado eclesial. Sem polêmica ou controvérsias, aproximam-se de Cristo para ouvir o anúncio da mensagem da salvação, cuja motivação no “sermão da montanha” (Mt 5-7), reside na promessa da bem-aventurança, e no incentivo à colaboração com a ação do Espírito Santo. Com ênfase na qualidade de fé dos novos adeptos da fé cristã, torna-se visível sua elevação ao *status* de redimidos na Igreja. Todavia, na mentalidade dos cristãos da primeira geração, havia o temor de que as jovens igrejas haveriam de diluir a vocação sublime ou perder o fervor religioso. Discípulos de amor ardente para com Deus, vindos do judaísmo e do círculo de João Batista, abraçaram a religião cristã testemunhando sua opção pela santidade e perfeição espiritual, inserindo-se na Igreja de Cristo.

³⁸ Cf. a sentença da autoria de Tertuliano (160-220 d.C.) em *Apologeticum* (17,6): “a alma, por natureza, é cristã” (*anima naturaliter christiana*).



O *Evangelho de Marcos* manifesta o dinamismo da Igreja e seu rápido crescimento, em tão breve tempo, não obstante suas origens modestas (Mc 4,26-32). Na verdade, não há proporção entre o mínimo de condições no começo e o máximo de resultado, no prazo de apenas uma geração, no início do cristianismo. O fator determinante desse crescimento espantoso é a vitalidade e o dinamismo interno da Palavra de Deus. Através de descrições ilustrativas da comunidade cristã destaca-se Jesus de Nazaré, o personagem central, como divino mestre, rodeado de discípulos em situação privilegiada de visualizar a adesão à fé cristã mediante o “seguimento de Cristo”.

Apesar das origens modestas do fundador da religião cristã, vislumbra-se um futuro auspicioso do cristianismo e da cultura a serviço da civilização ocidental. Desde que Jesus chegou à vida adulta, optou por uma existência comprometida no serviço aos pobres, porque esses são a grande maioria de habitantes no tecido social dos respectivos povos, e são chamados a colaborar na consolidação e expansão do cristianismo. Seus apóstolos eram meros pescadores sem estarem à altura de sua tarefa, alguns fracos na fé e, outros, desertores no momento decisivo. A comunidade cristã inicialmente consistia de cidadãos de condição social humilde. O lugar de procedência é a Palestina, província do Império Romano. Apesar disso, a religião cristã conquistou o mundo, e a Igreja tornou-se uma instituição universal. Houve perseguições externas e conflitos internos, que não conseguiram impedir a vitalidade da Igreja, porque a força vital repousava no próprio Cristo e na ação do Espírito Santo.

O procedimento das lideranças da Igreja, minoria em meio à maioria de adeptos de outras religiões, foi de grande lucidez na opção pelo uso de estratégias no crescimento e na vivência da fé: optaram por abster-se do idealismo de fanáticos religiosos, em luta aberta contra outras religiões; evitaram o radicalismo contra os pecados públicos dos próprios cristãos; repudiaram o conformismo em situações conflitantes, p.ex., resignação fatalista diante de escândalos de líderes cristãos ou tolerância conivente diante de perversidades; lutaram, enfim, contra o indiferentismo da maioria.

O *Evangelho de Lucas* ressalta o motivo da vinda de Cristo ao mundo para manifestar a misericórdia de Deus pela humanidade. Por



isso, Cristo é a encarnação da misericórdia divina, escolhendo apóstolos que eram pecadores convertidos (Lc 5,11), indo à casa de pecadores (Lc 19,5-7), saindo à procura da ovelha desgarrada (Lc 15,1-7), acolhendo o filho pródigo (Lc 15,20), deixando Madalena lavar-lhe os pés (Lc 7,37-38), ensinando a prática da caridade pela parábola do bom samaritano (Lc 10,30-37), perdoadando o ladrão arrependido na cruz (Lc 23,43).

Um dos traços marcantes desse evangelho é a preferência pelo indivíduo, em lugar de grupos ou multidões. O motivo baseia-se na capacidade humana de sentir compaixão, restrita a uma só vítima, mas fenece quando o número de vítimas aumenta. Diante de uma morte derramamos lágrimas, mas a emoção da dor se dissipa quando são muitas mortes (genocídios, atrocidades, vala comum de mortos, tsunamis). Temos grande empatia por uma criança sofrida, que aparece numa foto, mas um retrato de muitas dessas crianças pouco nos afeta. A razão disso é que o sentimento de empatia não é genérico e, sim, personalizado num indivíduo. A lição do Evangelho é a prática da solidariedade, começando com o tratamento de um sofredor muito próximo de nós. A Igreja tem como missão precípua distribuir os dons salvíficos que Deus, em sua misericórdia, concede aos que creem.

O *Evangelho de João* realça a vivência da fé cristã como “vida em união com Deus”, no contexto da comunidade cristã. A espiritualidade marcante deste evangelho se concentra na ação conjunta de Cristo Ressuscitado e do Espírito Santo, que as comunidades de fé invocam para constantemente manter revitalizada a dinâmica sobrenatural da revelação de Deus ao mundo. Assim como nos Sinóticos e em S. Paulo, as abordagens refletem o desdobramento da vivência comunitária como fruto da união com Deus. Nessa perspectiva aparece a pedagogia de Deus indo ao encontro do homem por meio de um Mediador, que é seu Filho, sua Palavra. O componente visual, na pessoa de Jesus, consiste em sua relação com os seres humanos, quanto ao “caminho” (religião) que seguem, a “verdade” (salvação) que abraçam, e a “vida” (vida eterna) que eles começam a vivenciar (Jo 14,6).

História da Salvação

A expansão da Igreja a partir de Jerusalém para outros lugares aconteceu com a penetração nos vários países do Império Romano,



como é relatado nos *Atos dos Apóstolos*. A difusão da Palavra de Deus começou com as atividades missionárias dos apóstolos, que implantaram comunidades cristãs como centros de irradiação da mensagem de salvação. Surgiram novas estratégias de evangelização com a ajuda dos diáconos que enriqueceram a “Pastoral de Conjunto”, como meio de salvação, dando *visibilidade* à espiritualidade cristã e promovendo a dignidade da pessoa humana. Instaurou-se uma verdade nova no sentido de conscientizar os pobres para assumirem a nobre tarefa de levar o dom da fé e a cultura às várias regiões do Império Romano. Nesse sentido, valorizavam-se os cristãos não só por possuírem o direito de cidadania, mas também como membros do Povo de Deus.

O livro do *Apocalipse* oferece a chave de leitura da história humana, no contexto da história da salvação. A começar pelas sete igrejas da Ásia (Ap 1-3), a perspectiva vai se estendendo para o âmbito universal, ao substituir o Povo Eleito do AT (Ap 4-11). Entretanto, a Igreja, frente à Roma pagã, teve de enfrentar as crises da perseguição, exigindo-se dos cristãos a virtude da perseverança final (Ap 12-20). Por fim, se vislumbra uma visão meta-histórica sobre a Igreja identificada com o Reino de Deus, no “novo céu e nova terra”, onde são “*novas todas as coisas*” (Ap 21-22).

Jesus Cristo, a Palavra de Deus

A PALAVRA NA PRESENÇA DE DEUS (Jo 1,1-2)

¹ *No princípio era a Palavra,
e a Palavra estava junto de Deus,
e a Palavra era Deus.*

² *Ela estava, no princípio, junto de Deus.*

A pré-existência da Palavra (em grego: *λογος* – *logos*) é definida em relação ao “princípio”. O *Logos* não é mera ideia da mente criativa de Deus, mas é a expressão da essência divina na forma da pessoa da Palavra, através da qual Deus se autocomunica na vida trinitária e na obra da criação, bem como na História da Salvação. Ora, a maneira característica de a pessoa expressar-se é pela “palavra”, que se atualiza no ato da fala e, que contém um objeto de comunicação. A relação entre a Palavra e Deus, na vida trinitária, consiste na união íntima sem ser



absorvida, no sentido de identidade da natureza divina, mesmo havendo uma distinção real entre as pessoas do Pai e do Filho. Ora, a união entre as pessoas divinas não é uma imanência rígida de Deus e, sim, é relacionada e participativa na doação em profusão de *amor*, porque o amor é a essência mais íntima de Deus (1Jo 4,8.16). Esse amor não é mera propriedade qualificativa da divindade, mas é constitutivo da plenitude de vida em Deus como comunidade de vida do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que consolida esse amor por meio de uma hipóstase real na terceira pessoa da Trindade. A eternidade da Palavra é da essência da divindade e antecede o tempo da criação.

A PALAVRA NA CRIAÇÃO (Jo 1,3-5)

³ *Tudo foi feito por ela
e sem ela nada foi feito de quanto existe.*

⁴ *Nela estava a vida
e a vida era a luz dos homens.*

⁵ *E a luz brilha nas trevas,
mas as trevas não a reconheceram.*

Ao *Logos* é atribuído o papel de causa eficiente na obra da criação. A origem do mundo é efeito da palavra criadora de Deus e, não, de uma matéria pré-existente, seja como caos, seja como somatório de partículas cósmicas. A segunda afirmação sobre a obra da criação é formulada em termos negativos: “*Sem ele nada foi feito de quanto existe*”. Portanto, não se admite a coexistência de dois princípios irreduzíveis, isto é, um dualismo do bem e do mal, da luz e das trevas, da vida e da morte, do espírito e da matéria, mas desde o princípio só existe Deus. Abre-se, assim, uma visão otimista do mundo. É o reconhecimento positivo de toda a realidade existente, havendo uma referência a Deus na existência de todas as criaturas, donde a possibilidade de remontar, das coisas criadas, às incriadas, até divisar Deus. O caminho para o encontro com Ele não é, pois, afastamento do mundo ou ruptura e, sim, subida até Ele por meio do Mediador. A relação da Palavra com a humanidade é expressa com o simbolismo da *vida* e da *luz*.

A PALAVRA NA HISTÓRIA (Jo 1,10-12)

¹⁰ *A Palavra estava no mundo,
e o mundo foi feito por meio dela,*



mas o mundo não a reconheceu.

¹¹ *Veio para o que era seu,
porém os seus não a acolheram.*

¹² *Mas a todos que a acolheram,
deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus.*

A Palavra realiza a obra da redenção em prol da humanidade. O alcance da atividade visível, da história da Palavra encarnada, estende-se a todos os seres humanos em âmbito mundial. São eles os destinatários da vida sobrenatural que lhes é conferida pela Palavra do Redentor. Sua obra de elevar os seres humanos ao estado de filhos adotivos de Deus e herdeiros dos bens celestes é tão inovadora como o era a criação do gênero humano pelo Criador, pois as origens da vida, tanto natural como sobrenatural, do homem, remontam à intervenção divina. Desde a inserção da Palavra na história, entrando em contato com a situação do homem no mundo, surgiu na humanidade o desafio do acolhimento ou, então, da resistência ao *querigma*³⁹. Os “seus”, aqui mencionados, são os conterrâneos de Cristo e seus contemporâneos, que não aderiram à fé.

A PALAVRA NA COMUNIDADE CRISTÃ (Jo 1,14.16)

¹⁴ *E a palavra se fez carne,
e habitou entre nós;
e nós contemplamos a sua glória,
glória que recebe do Pai como Filho unigênito,
cheio de graça e verdade.*

¹⁶ *De sua plenitude todos nós recebemos,
graça sobre graça.*

A Palavra assume uma existência histórica, participando dos grupos sociais, inicialmente muito pequenos, isto é, a família, o clã, a tribo e, depois, sempre maiores: povo, nação, país. Daí que a Palavra, ao fazer-se carne, ficou inserida no tecido social do seu povo, o povo israelita. A relevância desse evento é o fato de Deus autocomunicar-se concretamente. Isso se explica no contexto da história da salvação,

³⁹ A palavra grega “*querigma*”, em uso na teologia, designa “a proclamação da mensagem do Evangelho”. Apresenta três características: a) acontecimento histórico (oposto a mitos); Encarnação, vida de Jesus histórico, e Páscoa (Jesus morto e ressuscitado); b) o personagem central é Cristo, que aparece não como herói solitário, mas associado à comunidade de discípulos; c) a mensagem de salvação trata da obra de redenção em prol de toda a humanidade, realizada por Cristo, o Mediador e SENHOR.



confrontando-se assim a revelação histórica na Bíblia com a revelação cosmológica das religiões não-bíblicas. Acresce a isso a relação com a comunidade cristã: “*habitando entre nós*”, porque Jesus Cristo não quis ser um herói solitário e, sim, o Mestre no meio dos seus discípulos. O motivo de os discípulos se tornarem ouvintes da Palavra de Deus não é para satisfazerem a curiosidade, mas para se familiarizarem com os desígnios divinos a respeito da humanidade. A expressão “*estabelecer a tenda*” evoca o itinerário de Jesus Cristo pelas regiões da Palestina, desde os povoados mais remotos até Jerusalém, centro religioso e político do país. No percurso do caminho havia frequentes contatos com os discípulos e diversos grupos sociais, os destinatários da mensagem da salvação. Nesse contexto situa-se o “seguimento” de Cristo, ao se associarem os ouvintes ao grupo dos discípulos. Esses eram as testemunhas oculares dos milagres, prodígios e sinais que comprovam a intervenção de Deus e manifestam a divindade do seu Filho. A “plenitude” dos bens espirituais está na Palavra exercendo a função de Mediador, e nela só, como grandeza pessoal e, também, como tesouro em suas mãos, para ser distribuído aos fiéis. No desempenho de sua função mediadora, a Palavra realiza a mediação de duas maneiras: através do movimento de cima para baixo, que procede do amor de Deus para conosco, passando pelo coração humano de Jesus, e através do movimento de baixo para cima, partindo do coração humano de Jesus, o Filho, em direção ao Pai.

A PALAVRA PREFIGURADA NO AT (1,17-18)

¹⁷ *Pois a Lei foi dada por meio de Moisés,
a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo.*

¹⁸ *Ninguém jamais viu a Deus;
o Filho Unigênito, que é Deus e está na intimidade do Pai,
foi quem o deu a conhecer.*

Especifica-se aqui a relação entre Deus e o Povo Eleito em termos de vinculação dos israelitas em comunidade de fé e comunidade ética, cuja vivência religiosa não é genérica e, sim, torna-se fé em Javé, que revelou a Moisés as normas da religião viva, na liturgia e na vida, pela Lei divina, a *Torá*. Essas normas são regras de salvação. Daí que a “verdade” supera a dimensão gnosiológica, pois se visa a verdade soteriológica, isto é, “salvífica”. Trata-se dessa “graça” com eficácia garantida, porque é de origem sobrenatural. Deus precisava do Povo Eleito do AT como mão



direita em sua intervenção na História de Salvação, ao passo que o Povo de Deus do NT, é sua mão esquerda, que Ele utiliza hoje (Sl 90,17)⁴⁰.

Deus é invisível, mas pela “voz da consciência” (Rm 1,18) e, pelo ensinamento dos líderes religiosos, sabemos que Deus é o Ser Absoluto pessoal e, como Criador, age no universo e sustenta a criação, sendo que sua presença atuante no mundo é benfazeja à humanidade (Rm 1,19-20). A preeminência do NT sobre o AT encontra-se na função do *Mediador* da salvação. Pois quem reza a Deus tem Cristo como Intercessor, que leva nossas preces até a presença do Altíssimo e, como Redentor, que traz os dons salvíficos para nós. Dizem os judeus que vão diretamente a Javé, mas se esquecem de que precisam de um Mediador, para que suas preces sejam ouvidas e os dons salvíficos sejam entregues aos fiéis.

A designação de Jesus Cristo na teologia como “Filho único” ou “Unigênito”, ou então, como “Filho amado” ou “Bem-Amado”, em uso na espiritualidade, tem por finalidade sublinhar o caráter pessoal da Trindade como Pai, Filho e Espírito Santo, e para salientar a igualdade de pessoas, mas com a diferença de atribuições. Por meio do batismo, os cristãos tornam-se espiritualmente “filhos adotivos” de Deus (Rm 8,15) e “irmãos na fé” (Mt 23,8).

“*Ninguém viu a Deus*, mas Ele se revelou através da figura humana de seu Filho” fazendo-nos participar da natureza divina (Sl 19,14), da ação divina (Sl 29,11), e da vida divina (Sl 8,6). Não se deve esquecer, enfim, que só podemos ver a Cristo, como se fosse por tabela, nas comunidades eclesiais e no rosto do pobre, com o qual Ele se identifica (Mt 25,31-46).

Conclusão

A Palavra de Deus diferencia-se da palavra humana porque Ele fala ao homem para dizer-lhe o que quer dele, ao passo que o homem fala de Deus o que d’Ele pensa. Quem tem voz e vez para falar de Deus são os teólogos, profetas e intérpretes da mensagem divina, na função de porta-vozes dos fiéis da comunidade de fé e comunidade ética, transmitindo o

⁴⁰ O escritor que por primeiro mencionou “as duas mãos de Deus-Pai” é Santo Ireneu de Lião (130-200 d.C.) referindo-se a Cristo e ao Espírito Santo (*Adversus haereses*, IV,7,4).



ensinamento da religião bíblica, em conformidade com a Escritura e com a Tradição. Mais eficaz do que mera proclamação da Palavra é dar-lhe oportunidade de tornar-se fecunda num diálogo inter-religioso, graças à interação de todos os membros da comunidade de fiéis compartilhando o “senso da fé” (*sensus fidei*). É preciso reconhecer o fato de que cada palavra de fé, que dizemos, afeta e fortalece a fé de outras pessoas, às vezes de maneira inesperada e eficaz. É pela partilha de nossa fé, embora nossas crenças sejam diferentes, que criamos um mundo de fé para a nova geração. Temos de afirmar sempre de novo que o maior dom que podemos dar à nossa geração é a transmissão do conhecimento moral que gerações anteriores duramente adquiriram. E quanto aos jovens, para terem o sentido de identidade e saberem o que são, é preciso ensinar-lhes a história de sua origem e, sobre a meta que demandamos coletivamente. Temos de ensinar-lhes a grande história que começou bem antes de nós nascermos e, que continuará, depois de cessarmos de existir nesta terra, mas na qual eles têm uma função que só eles podem desempenhar: a de continuadores dessa história que, para nós, está contida na Sagrada Escritura e na memória de nossas comunidades, que ouviram e assimilaram a mensagem da Palavra de Deus.

Endereço do Autor:

Colégio Catarinense
Rua Esteves Júnior 711,
Caixa Postal 135
CEP 88015-130 Florianópolis, SC
E-mail: istadelmann@hotmail.com